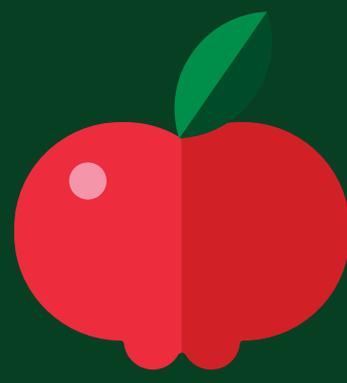
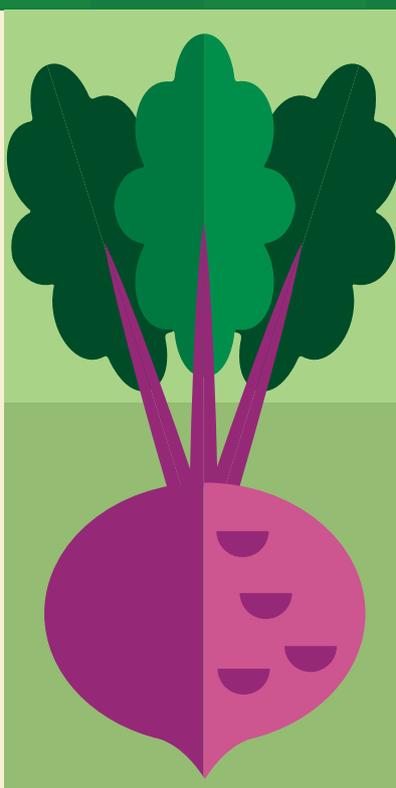
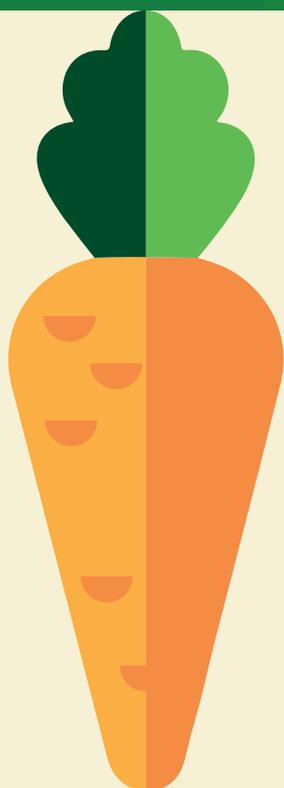


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, durante o mês de janeiro, há que destacar a ocorrência de vários episódios climatéricos com alguma intensidade (tempestades Floriane, Garoé, Herminia, Ivo) tendo-se verificado rajadas de vento muito fortes e grande quantidade de precipitação que provocaram a queda de ramos e de árvores e de alguns citrinos. Em geral, registaram-se amplitudes térmicas acentuadas, temperaturas noturnas baixas, e formação de geadas. A pluviosidade que ocorreu ao longo do mês provocou o encharcamento dos solos nas zonas de terrenos de cotas mais baixas, não permitindo a continuidade às sementeiras das culturas de outono/inverno, a entrada das máquinas agrícolas, nem o pastoreio directo. Nos terrenos de cotas mais altas o estado do tempo favoreceu um bom crescimento das ervas forrageiras, permitiu o início da preparação dos solos para as sementeiras e plantações das culturas hortícolas, a continuação da sementeira dos cereais praganosos, a prossecução das podas das vinhas, dos pomares de kiwis e das fruteiras.

Nas **zonas de transição**, de modo genérico, após um período de ausência de precipitação que estava a condicionar o normal desenvolvimento das culturas forrageiras e pastagens, o mês pautou-se pela ocorrência

de várias tempestades que trouxeram períodos de precipitação significativa que impediu mobilizações do solo, mas com vários benefícios, designadamente, o desenvolvimento vegetativo dos cereais de pragna, pastagens naturais e culturas forrageiras, contribuindo para o aumento da capacidade de pastoreio animal e para a melhoria do armazenamento hídrico, fator fundamental para assegurar o bom desenvolvimento das culturas numa fase posterior. Ocorreram também ventos por vezes muito fortes que causaram alguns estragos, sobretudo a queda de ramos ou mesmo de árvores. As temperaturas mínimas foram normais para a época, pontualmente com temperaturas negativas e formação de geadas. O número de horas de frio acumulado na zona está próximo de 400. Já se iniciaram as queimadas de sobrantes agrícolas e as podas de inverno, sobretudo na vinha.

Nas **zonas do interior**, o mês de janeiro caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas diurnas com valores abaixo da média para a época, acentuado arrefecimento noturno e valores de precipitação elevados relativamente à média para a época. A quantidade de precipitação contribuiu para favorecer as nascentes, os cursos de água e os diferentes reservatórios. Em geral, o estado do tempo foi favorável ao desenvolvimento das culturas anuais, pastagens e culturas forrageiras. As temperaturas registadas, associadas aos



elevados valores de precipitação, em alguns períodos mal repartida, provocaram alguns problemas de erosão nas terras de sementeira “mais altas”, onde as culturas cerealíferas ou forrageiras ainda não se encontravam totalmente ou em parte germinadas e enraizadas, assim como, encharcamentos nas terras mais baixas. Nas fruteiras e vinhas procede-se às podas e respetivos tratamentos preventivos de Inverno.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de janeiro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura instaladas na região centro. No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de janeiro.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições meteorológicas verificadas durante o mês foram desfavoráveis ao aparecimento/desenvolvimento de algumas pragas e doenças nas culturas. Porém, algumas culturas apresentaram problemas,

evidenciando-se os seguintes casos:

- No Pinhal (**zona de transição**), as nespereiras já se encontram com o fruto em crescimento e são muito vulneráveis ao pedrado, sendo necessário controlar esta doença. Para os citrinos que se encontram numa fase adiantada do seu ciclo (ainda que não haja uma fileira organizada nesta zona, estão distribuídos pela maioria das explorações agrícolas), identificam-se alguns frutos picados, assim como a presença de mildio.
- No Pinhal Sul (**zona de transição**), as condições climáticas foram propícias a ataque de mosca-da-fruta, nas laranjas e ao ataque de mildio, nos citrinos em geral.

Relativamente aos factores abióticos, não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando o seguinte caso, no Pinhal (**zona de transição**), permanecem os ataques de espécies cinegéticas nesta zona.

De uma maneira geral, dado que a maioria das culturas se encontra em repouso vegetativo e as condições climatéricas verificadas durante o mês em análise o permitiram, foi possível a aplicação dos produtos fitofarmacêuticos e medidas culturais (nas quais se incluem as podas, com o objectivo de diminuir a incidência de algumas pragas e doenças, e assim, diminuir também o número de tratamentos fitossanitários durante o ciclo vegetativo dessas culturas) na preparação do próximo ano agrícola.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de janeiro para as diferentes

culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDRC, foram:

Citrinos – mildio ou aguado;

Fruteiras – tratamentos de inverno – poda – medidas culturais;

Olival – poda da oliveira, tuberculose ou ronha da oliveira;

Prunóideas – cancro bacteriano, crivado, lepra, moniliose;

Vinha – doenças do lenho da videira – medidas culturais.

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, de um modo geral, as condições meteorológicas verificadas ao longo do mês favoreceram o bom desenvolvimento destas culturas, nomeadamente nos terrenos de cota mais alta permitindo a prática do pastoreio direto, tendo a alimentação animal sido predominantemente efetuada com base na matéria verde disponível nos pastos, complementada com silagem de milho, fenos e palhas e menor administração de rações. Nos terrenos de cotas mais baixas, os solos estão encharcados, as plantas não crescem por asfixia radicular e a alimentação animal por vezes é completada com base em alimentos armazenados e reforçada com concentrados.

Nas **zonas de transição**, a chuva abundante beneficiou em geral as culturas forrageiras e as pastagens, havendo mesmo recuperação de algumas delas que estavam debilitadas devido à geada e tinham o seu crescimento estagnado pela carência hídrica como é o caso das gramíneas – azevém e culturas de outros cereais forrageiros nomeadamente a aveia e das leguminosas (como a luzerna ou o trevo). Todavia, o excesso de água nos terrenos de cota inferior e má drenagem poderá afetar estas culturas, devido ao risco de asfixia radicular. Alguns agricultores irão proceder a adubação de cobertura nas culturas forrageiras, quando os terrenos assim o permitirem.

As áreas semeadas de leguminosas, forragens



consociadas e pastagens registam ligeiros aumentos nalgumas zonas. A alimentação animal nesta altura é maioritariamente o pastoreio.

Nas **zonas do interior**, de uma forma geral, as condições climáticas verificadas proporcionaram o crescimento vegetativo dos prados e pastagens temporários e permanentes de sequeiro ou de regadio, naturais ou semeados. A germinação nos prados de sequeiro e de regadio que têm vindo a ser instalados e das culturas forrageiras de outono/inverno, foi mais lenta devido à diminuição da temperatura dos solos, ao acentuado arrefecimento noturno e a encharcamentos localizados nas terras de cotas inferiores. A alimentação dos efetivos é feita em grande parte recorrendo ao pastoreio direto, complementada com fenos e palhas, reservando-se o recurso a rações e outros alimentos conservados, para animais com vocação produtiva de leite ou animais de engorda.

4-a - Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas, variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.

Nas **zonas do litoral**, as sementeiras estão praticamente concluídas no Baixo Mondego e Pinhal Litoral e não se iniciaram no Baixo Vouga (deverão decorrer principalmente no mês de fevereiro), devido às condições meteorológicas e ao encharcamento dos solos.

Estima-se que as áreas semeadas sejam idênticas ao ano anterior no do Baixo Mondego e

do Pinhal Litoral. No Baixo Vouga, apesar de não estarem ainda iniciadas as sementeiras, prevê-se uma ligeira diminuição na área de sementeira de trigo e de triticales devido à descida da sua cotação no mercado.

Nas **zonas de transição**, as baixas temperaturas e a chuva intensa registadas este mês abrandaram o desenvolvimento dos cereais praganosos e das forragens de outono-inverno. No que respeita às áreas semeadas, são idênticas ao ano anterior no Alto Mondego para o trigo, triticales e centeio e inferior no caso da cevada. Na Beira Serra a área semeada em relação ao ano passado é superior no caso do trigo, semelhante no centeio e inferior no caso da cevada.

No Pinhal, a permanência dos ataques de espécies cinegéticas reflete-se na diminuição de áreas semeadas das culturas cerealíferas.

Nas **zonas do Interior**, as sementeiras decorreram normalmente em todas as zonas homogéneas, com boas germinações e as searas apresentam um bom desenvolvimento vegetativo. No que diz respeito às áreas semeadas houve um comportamento distinto dependendo das zonas homogéneas. Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estima-se que as áreas semeadas sejam sensivelmente as mesmas do ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, no geral, as áreas de cereais praganosos evidenciam tendência de diminuição, com exceção da cevada, estimando-se aumento da área em cerca de 60%.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, estima-se um incremento das áreas semeadas de centeio e aveia, em cerca de 30% (este



acréscimo de área deve-se em parte ao cada vez mais elevado preço dos fenos e palhas, assim como, das rações, o que leva os produtores a recorrer cada vez mais à produção própria), relativamente ao ano passado, e igual ao ano transato nos restantes cereais. As searas apresentam bom aspeto vegetativo, podendo haver algumas quebras no crescimento, nas terras baixas que apresentam encharcamento, caso este venha a persistir.

5-c – Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

- **Pomares de Citrinos**

Nas **zonas do litoral**, os citrinos encontram-se na fase de colheita com boa produção, em qualidade e quantidade em geral, com alguns casos de frutos picados e a presença de mildio ou aguado, e queda de fruto, como consequência das condições de tempo frio e húmido, e ventos fortes associados às tempestades ocorridas em janeiro.

Nas **zonas de transição**, nas laranjas, algumas espécies já estão numa fase adiantada do seu ciclo, as tangeras, clementinas, laranjas de umbigo e tangerinas (exceto a variedade encore que é mais serôdia), já se encontram em fase final da colheita. Verifica-se a ocorrência de alguns frutos picados assim como a presença de mildio como consequência da ausência de tratamentos fitossanitários, inerentes à pequena escala da cultura na zona. A produtividade foi inferior à do último ano.

Referência particular para a zona homogénea do Pinhal Sul, onde o limão, com expressão significativa, já se encontra maduro, com uma produção 30% inferior à da campanha anterior. As condições do mercado não são favoráveis, com baixa procura e reduzidos preços compra ao produtor 0,60 €/kg.

Nas **zonas do interior**, os citrinos evidenciam boa produção, dentro dos valores habituais, apesar de ser notória a perda de frutos devido aos ataques da mosca-do-mediterrâneo e posteriormente de mildio, cujas infeções foram facilitadas pelas picadas da mosca.



8-a – Azeitona para azeite: estado vegetativo e produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade.

Nas **zonas do litoral**, a campanha olivícola terminou no passado mês de dezembro. A azeitona colhida e o azeite produzido são de qualidade inferior à campanha anterior. A quebra na produção verificou-se sobretudo no Pinhal Litoral, com menos 20% do que na campanha anterior.

Os olivais encontram-se em repouso vegetativo

Nas **zonas de transição**, a campanha olivícola terminou também no passado mês de dezembro.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as produtividades foram semelhantes às da campanha anterior, as fundas foram baixas de 12,5% e 11,5% respetivamente, a qualidade do azeite foi baixa boa parte a com classificação de como azeite lampante.

No Alto Dão-Lafões, a produção teve um aumento, em média, de 30% face ao ano anterior, e uma funda média de 12%. No Baixo Dão-Lafões ocorreu uma quebra de produção de 10%, devido à gafa, e uma funda média que se situou entre os 10 e 11%.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, ocorreu uma quebra de cerca de 30% na produção de azeite e a qualidade foi heterogénea.

Os olivais encontram-se em repouso vegetativo.

Nas **zonas do interior**, tanto em Ribã Côa como em Cimo Côa, foi um bom ano para o olival, que se encontra em repouso vegetativo.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, na generalidade, os olivais apresentam bom aspeto vegetativo. Verificou-se uma quebra de cerca de 15% na produção, relativamente ao ano anterior. A qualidade foi em termos gerais boa nos olivais tratados, ao contrário do verificado nos olivais não tratados onde a azeitona ficou gafada com a conseqüente redução de quantidade e qualidade (aumento da acidez) dos azeites produzidos.

Na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, a colheita de azeitona para azeite está concluída. No geral, há aumento da quantidade de azeitona produzida, cerca de 20%, valor que poderia ser maior não fossem as perdas de produção na sequência dos fortes ataques de gafa, sobretudo nos olivais não protegidos em termos fitossanitários para a referida doença. A par da quantidade também a qualidade da azeitona dos olivais atacados pela gafa foi muito afetada, dando origem a azeites com elevada acidez.



ANEXO I

Zonas Homogéneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)				
			01 a 31/01	01 a 31/01	Máx.	Min.	Média		
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	-	-	-	-	-	
		Anadia	Arcos	86,2	11	15,8	6,5	10,9	
	Baixo Mondego	Montemor-o-Velho	Sabico das Areias	-	-	-	-	-	
		Batalha	Branças	171,4	18	16,2	6,7	11,4	
	Pinhal Litoral	Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-	
		Pombal	Abiul	-	-	-	-	-	
Leiria		Regueira de Pontes	-	-	-	-	-		
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	226,4	18	20,4	5,0	10,9	
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-	
		Ansião	Freixo	56,8	25	14,5	6,0	9,9	
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	211,9	21	14,3	6,0	9,7	
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	349,0	19	13,3	4,5	8,7	
	Baixo Dão-Lafões	Tondela	Quinta das Tílias	-	-	-	-	-	
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	190,4	16	13,7	3,9	8,3	
		Sertã	Cernache	279,6	19	13,8	4,6	8,9	
		Pinhal Sul	Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	-	-	-	-	-
			Oleiros	Oleiros	367,4	21	12,0	4,9	8,2
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	108,8	15	14,0	2,6	7,9	
		Pinhel	Pinhel	125,0	17	12,3	1,5	6,5	
		Trancoso	Trancoso	210,8	20	9,0	3,0	5,8	
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	187,4	17	13,2	2,2	7,6	
		Guarda	Relvas	175,6	14	13,5	3,3	8,0	
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	314,2	20	10,3	1,3	5,6	
		Almeida	Almeida	143,0	18	11,0	2,7	6,7	
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	297,0	18	13,2	2,4	7,5	
		Covilhã	Lamaçais	343,4	19	13,8	2,9	8,0	
		Fundão	Brejo	-	-	-	-	-	-
			Alcongosta	351,8	17	11,1	5,2	7,9	
			Fadagosa	-	-	-	-	-	
	Campina e Campo Albicastrense	Idanha-a-Nova	Várzea	-	-	-	-	-	
		Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	228,4	17	13,2	2,5	7,6	

Fonte: EM - MAP - DGAV - DIFMPV

ANEXO II

31/01/2025																
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias				
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Varição (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm3	%	Descarregador de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico	
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,00	0,102	0,102	0,000	↔	100,0%	0,098	100,0%	sim	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,65	0,134	0,134	0,000	↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,90	2,200	2,104	0,096	↑	100,0%	2,150	100,0%	sim	não	não
Mortágua	Macieira	143,60	0,946	0,026	0,920	143,64	0,946	0,946	0,000	↔	100,0%	0,920	100,0%	sim	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	482,05	0,120	0,120	0,000	↔	100,0%	0,116	100,0%	sim	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	575,80	4,114	3,468	0,646	↑	84,5%	3,931	84,5%	não	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	801,08	0,854	0,854	0,000	↔	100,0%	0,650	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	112,76	1,746	1,746	0,000	↔	100,0%	1,746	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujaís	131,00	3,891	0,591	3,300	130,10	3,513	2,949	0,564	↑	90,3%	2,922	90,3%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,26	0,589	0,589	0,000	↔	100,0%	0,556	100,0%	sim	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354	14,318	13,012				97,5%	13,223	92,7%			

OBSERVAÇÕES/OUTROS:

n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.

Fonte: CCDRC/DIGRH



WWW.CCDRC.PT

